

OS PROCESSOS IMITATIVOS E A EMERGÊNCIA DO EU

CLÁUDIA PASSOS-FERREIRA é Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia (IFCS/UFRJ), bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES. Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado em Saúde Coletiva (IMS/ UERJ).

Resumo: O artigo analisa o papel da imitação no desenvolvimento do self. A imitação é um dos primeiros processos psicológicos orientados intencionalmente na direção do outro, no qual o bebê aprende a coordenar seu esquema corporal ao movimento e gesto visíveis por meio dos quais percebe o outro. O bebê não imita o gesto isolado, ele imita a ação contextualizada dirigida a ele. Com o desenvolvimento emocional, a imitação passa a fazer parte do diálogo recíproco entre o eu e o outro, gerando um *espelho afetivo* no qual as reações circulares tornam-se mecanismos básicos que contribuem para a emergência do eu, ocupando um papel central nos processos de identificação. Por fim, investiga-se o que essa perspectiva apresenta de convergência ou divergência em relação à concepção de subjetividade em psicanálise.

Palavras-chave: imitação; subjetivação; desenvolvimento

THE MIMICS PROCESS AND THE ARISING OF SELF

Abstract: The article analyses the role of imitation in early development of the sense of self. Imitation is a psychological process intentionally oriented to others in which babies learning how to coordinate their body schema with perceiving others' movements and visible gestures. Babies don't imitate an isolated gesture; they imitate a contextualized action oriented to them. As babies develop, imitation is supplemented by a system of reciprocation between self and other. This reciprocated interaction creates an *affective mirroring* that produces many circular reactions. Those reactions are incorporated by the self and become part of a basic mechanism that contributes to the emergence of the self and occupy a central role on identification processes. This perspective attributes a major role to imitation in the emergence of the self and presents some convergences and divergences from the traditional psychoanalytical view of subjectivity.

Key-words: imitation; self; development

Imitação e Processos de Subjetivação

A imitação não é um processo psicológico que ganhe relevo nas teorizações em psicanálise. Dado o valor central que a metapsicologia freudiana sempre conferiu à noção de identificação, a imitação acabou por ocupar um papel secundário nas hipóteses sobre a constituição do eu, ou mesmo foi englobada ao processo de identificação. Alguns fatores parecem ter levado a psicanálise a negligenciar a investigação o papel dos jogos imitativos nos processos de identificação. Primeiro, houve a necessidade de distinguir imitação e contágio mental – fenômenos conhecidos de longa data – de identificação, e mostrar que identificar-se com o outro é um processo mais complexo que imitar o outro ou se contaminar pela emoção do outro.



Segundo, houve a necessidade de salientar os fenômenos inconscientes que envolvem a identificação e explicitar a dinâmica inconsciente que dirige esses processos.

Outro fator que contribui para a desconsideração psicanalítica pelos processos imitativos nos primórdios de vida relacional do bebê foi o *mito da indiferenciação*. Vários autores em psicanálise e teóricos desenvolvimentistas do início do século passado contribuíram para a caracterização da origem do psiquismo como um estado de indiferenciação eu-outro. A ideia hegemônica em psicologia era a de que o bebê nasceria num estado de confusão com seu entorno, incapaz de discriminar entre a auto-estimulação e a alo-estimulação e que suas ações seriam respostas automáticas a estímulos do ambiente – tese defendida por James e Piaget (Butterworth 1995; Rochat 2004). Imaginava-se um ponto zero de indiferenciação eu-não-eu a partir do qual o eu individualizado do bebê iria se desenvolver na direção da diferenciação. O *mito da indiferenciação* em psicanálise subestimou a importância da presença dos aspectos interativos e intersubjetivos, desde o nascimento, para a emergência do eu individualizado (Salem 2006). As pesquisas recentes com bebês sugerem que esse ponto zero da origem deve ser concebido menos como uma simbiose mãe-bebê e mais como a continuidade entre dois pontos heterogêneos que, portanto, comportam um dualismo primordial eu-outro. O bebê nasce com mecanismos perceptivos inatos que o diferenciam, desde o primeiro momento, do ambiente. Essa noção foi amplamente articulada por James Gibson (1979), que preconizava a ideia de que, desde o nascimento, o bebê se comporta como um centro de ação e percepção cuja experiência perceptiva acarreta autopercepção e um sentido implícito do próprio corpo (Passos-Ferreira 2006; 2010).

Com os recentes avanços das pesquisas sobre o desenvolvimento dos bebês, dentro da tradição de pensamento gibsoniana que enfatiza a experiência precoce de diferenciação, os processos imitativos vêm sendo considerados a matriz primeira da constituição subjetiva. Os estudos em psicologia do desenvolvimento sobre a imitação têm permitido esclarecer não apenas os mecanismos psicológicos e fisiológicos que estão subjacentes aos comportamentos imitativos, mas também o papel que esses comportamentos ocupam na constituição do eu. Tradicionalmente, os estudos em



psicologia do desenvolvimento sempre valorizaram as funções sociais, comunicativas e cognitivas da imitação. A aprendizagem por imitação é uma forma especial de cognição social que envolve a capacidade dos indivíduos compreenderem seus co-específicos como seres ‘iguais a ele’ (*like-me*), com vidas mentais e intencionais iguais às dele, e que permite aos indivíduos se imaginarem na ‘pele mental’ de outra pessoa (Rochat & Passos-Ferreira 2008). Quando um ser humano está aprendendo *através do* outro, ele *imita e se identifica* com esse outro e com seus estados intencionais. A imitação também sempre foi estudada como um mecanismo de comunicação e compartilhamento de crenças e emoções. Os pais interagem com seus bebês respondendo reciprocamente, espelhando suas emoções e sintonizando seus afetos por meio de jogos imitativos. Esses estudos, na maioria das vezes, estão dedicados à compreensão do desenvolvimento ontogenético da capacidade única dos seres humanos para imitar e se identificar com outras pessoas e compreendê-las como agentes intencionais iguais a eles mesmos.

Apenas recentemente, surgiu o interesse de investigar qual o papel que a imitação desempenha nos processos iniciais de constituição do eu. As pesquisas experimentais com bebês têm permitido a revisão de várias pré-concepções sobre os primórdios do nosso desenvolvimento, dentre elas o papel da imitação como processo identificatório. Defendo a tese de que, além da função de adaptação, de comunicação e aprendizado, a imitação também desempenha a ‘função de ego’, que favorece a estabilização do sentido de continuidade do eu. Nesse sentido, a imitamos não apenas para comunicar, compartilhar pensamentos e emoções ou visando o aprendizado, mas é por meio da imitação que desenvolvemos um repertório de ações corporais e hábitos mentais que compõem nossa forma de estarmos no mundo que subjazem nos processos identificatórios. A constituição do eu, da minha identidade pessoal, se dá por meio de hábitos mentais e corporais que são primeiro imitados para depois serem introjetados e incorporados ao complexo da minha identidade egóica.

Imitação: definição e processos envolvidos

A imitação é um processo de tradução intermodal entre o sentido interno e o sentido externo que torna possível a experiência de conexão entre o eu e o outro. No



processo de imitação, o bebê aprende a coordenar seu esquema corporal ao movimento e aos gestos visíveis que percebe do outro. O bebê se engaja em atividades motoras e gestuais no esforço de se dirigir ao outro. Nessa experiência de conexão com o outro, o eu experimenta a similaridade, analogia e sincronia entre seu corpo e o corpo do outro. O bebê não imita um gesto isolado, ele imita uma ação contextualizada. No entanto, o mecanismo de imitação não demanda um sentido de continuidade do eu para que seja desenvolvido. A imitação é um movimento momentâneo sem continuidade no tempo. Contudo, é evidente seu aspecto intencional de reproduzir de forma mais ou menos acurada o comportamento dos outros.

O recém-nascido exibe um sistema inato que possibilita desenvolver a imitação precoce (neo-natal). Esse sistema inato exibe um tipo de *intencionalidade corporal* que predispõe o self para a ação interativa. Como mostram Gallagher & Meltzoff (1996), o sistema é composto pela *propriocepção*, o *esquema corporal* e a *imagem corporal*, que são subsistemas que interagem entre si e são coordenados no contexto do comportamento intencional. A propriocepção, o esquema corporal e os elementos perceptivos da imagem corporal são inatos e estão envolvidos na *imitação invisível*. A imitação invisível é a imitação na qual o bebê repete os movimentos do outro usando partes do seu corpo que lhe são invisíveis, como os movimentos faciais.

A *propriocepção* é um sistema de informação da posição dos membros e da postura corporal gerado pelos proprioceptores fisiológicos localizados em toda superfície corporal. Ao nascermos, o corpo físico exibe quase como um automatismo da espécie, um funcionamento discriminativo e auto-regulador, que dota o corpo da capacidade de agir de forma seletiva e discriminada. Há uma consciência corporal dada pela propriocepção somática que é não-perceptual, pois ainda não se tornou objeto da percepção (Gallagher 2003). A consciência proprioceptiva é atentivamente recessiva e fornece uma consciência não-reflexiva. Mesmo na percepção tátil, a propriocepção somática contribui como parte recessiva da ação, de um corpo que não reflete sobre si próprio, pois intenciona o mundo e o corpo do outro. As experiências proprioceptivas são opacas na percepção ativa. Na intencionalidade corpórea, o corpo fenomenológico torna opaca toda experiência proprioceptiva para se dirigir ao objeto



externo (Passos-Ferreira 2007). O *esquema corporal* é um sistema de habilidades e hábitos motores que permite o movimento, a manutenção da postura, e funciona sem a necessidade do monitoramento perceptivo. É composto de um conjunto de performances e processos não conscientes que controlam a postura e o movimento. E, embora participe e sustente a atividade intencional, opera abaixo da intencionalidade auto-referencial do agente. A *imagem corporal* é um sistema de percepções, atitudes e crenças, nas quais o objeto intencional é o corpo próprio. Nesse estágio do desenvolvimento, há somente uma experiência perceptual do corpo próprio e de sua imagem corporal.

Da imitação para o espelhamento afetivo e os jogos de interativos

Os recém-nascidos vêm equipados com um número de competências cognitivas que não aparecem prontamente em seu comportamento manifesto. Desde o nascimento, o bebê é capaz de perceber seu próprio corpo como uma entidade diferenciada de outras no ambiente, ou seja, capaz de fazer a *diferenciação eu-mundo*. Nascemos biologicamente equipados com as funções proprioceptivas e exteroceptivas, que são funções do sistema perceptivo que se dirigem ao corpo e ao mundo. A propriocepção traz informação sobre os aspectos mutáveis e persistentes do corpo e a exterocepção sobre os aspectos mutáveis e persistentes dos objetos e acontecimentos extracorporais (Gibson 1979; Costa 2004). Portanto, todo ato perceptivo é auto-informativo. Ao perceber o ambiente, ele é capaz de se situar espacialmente e de agir como um ponto de vista subjetivo em relação ao seu entorno, por meio de padrões perceptivos que especificam sua posição e seu movimento. Desde o nascimento, a partir de seus movimentos e ações no ambiente, o bebê capta informações perceptivas que especificam seu próprio corpo como uma entidade única no mundo. A capacidade inata de diferenciação eu-mundo é atribuída a experiências perceptivas que especificam o corpo do bebê como oposto a outras entidades perceptivas do mundo. A experiência de tocar-se a si mesmo, de ouvir seus próprios sons, de visualizar seus próprios movimentos, são experiências perceptivas básicas que auto-especificam o corpo do bebê (Rochat 2003).



Os bebês humanos são criaturas sociais desde que nascem. Olham preferencialmente para desenhos de rostos humanos, reconhecem a voz humana e diferenciam entre pessoas e objetos inanimados. Desde o nascimento, o bebê se identifica com outros humanos e imita suas ações. Ele nasce com uma informação estrutural peculiar que o capacita a reconhecer que os membros de sua própria espécie são como ele e a diferenciá-los dos objetos inanimados. Há um sentido de similaridade entre pessoas como nós. Há uma capacidade inata de sentir os outros 'como se fosse nós'. Na imitação precoce, existe um espelho sensório-motor de imitação da atividade vital observada expressa por outra pessoa (Rochat & Passos-Ferreira 2008).

A partir dos dois meses, o bebê começa a se comportar, mesmo que de forma rudimentar, como um agente situado (Rochat 2003) cujos movimentos são ações orientadas por objetivos específicos que se dirigem a aspectos particulares do ambiente. Muito antes de ser capaz de se reconhecer como uma imagem ou rosto, o bebê se percebe como um centro de atividade e se comporta como um agente capaz de controlar suas ações e interações. É capaz não apenas de obter informações de seus estados mentais e corporais, mas de obter informações do sistema como um todo. Ele desenvolve progressivamente a *atitude de contemplação e reciprocidade* frente ao mundo e a si mesmo, situando seu corpo em relação a outras entidades no ambiente (Rochat 1999). A atitude contemplativa (Rochat 2001) indica a auto-percepção de si como capaz de alterar o ambiente e o início do desenvolvimento da capacidade de controlar e escolher suas ações sobre o seu corpo e o ambiente. O bebê deixa de agir apenas de forma imediata e passa a explorar seletivamente a consequência de suas ações sobre o ambiente. Ao mesmo tempo, com o acúmulo das experiências, aprende um repertório novo de ações que torna sua interação muito mais complexa e o permite escolher entre ações variadas em função do objetivo visado. Ele aprende a controlar suas ações e a ter expectativas dos comportamentos do meio, sobretudo dos seres animados (Reed 1995). O bebê que se recusa a pegar um objeto que está fora de seu campo de ação ou que utiliza seu pé para atingir um móvel suspenso diante de si, pode ser dito capaz não apenas de se diferenciar do objeto, mas também de adotar



diferentes estratégias de ação em relação ao objeto e escolher os movimentos mais adequados. Ele explora seletivamente os provimentos dos objetos (*affordances*) (ver Costa 2004) que estão ao seu alcance. Ao final desse período, o bebê já pode ser considerado uma agência autônoma e coordenada (E. Gibson 1995), com capacidade para modular suas ações a partir das expectativas do comportamento de seu meio social.

As pesquisas sobre imitação neonatal de Andrew Meltzoff e Keith Moore (1995) mostram que, ao final dos dois meses, com a emergência do sorriso social, das interações face-a-face e das protoconversações, o bebê desenvolve um comportamento imitativo sofisticado e voluntário e se torna capaz, não apenas de discriminar suas ações corporais do modelo que está imitando, como também de mapear seu espaço corporal em relação ao espaço corporal do outro, situando-se em relação ao modelo percebido que imita. O bebê imita a dinâmica dos atos que observa. Ele necessita ver o ato em progresso para imitá-lo, pois ainda não é capaz de antecipar a seqüência de movimentos do outro. Por meio das interações face-a-face, se estabelece entre o bebê e o adulto um ‘espelho afetivo’ (*affective mirroring*) (Rochat 2002; Rochat & Passos-Ferreira 2008), que é o fenômeno da ressonância emocional, no qual o adulto responde reciprocamente ao bebê. Este começa a ser capaz de combinar suas habilidades interativas e perceptivas e entrar num modo intersubjetivo de interação e de vida relacional. Há, portanto, uma ressonância motora e afetiva que, no primeiro momento, é automática e não-intencional.

Os bebês humanos entabulam protoconversações com quem cuida deles. As protoconversações são interações face-a-face em que o adulto e o bebê concentram um no outro a atenção e envolvem olhar, tocar e vocalizar de um modo que serve para expressar e compartilhar emoções. São interações sociais precoces com conteúdo emocional e estrutura alternada, em que os neonatos imitam os movimentos corporais dos adultos, sobretudo de boca e cabeça. A imitação neonatal parece refletir não apenas uma tendência a se imitar os comportamentos mas de se identificar com os co-específicos. Portanto, a imitação dos estados emocionais dos adultos por meio da ‘sintonização afetiva’ reflete o início do processo de ‘identificação’.



Aos nove meses, o bebê se torna um agente perspectivo (Tomasello 1995). A emergência da locomoção favorece a percepção do mundo de várias posições. A função da locomoção possibilita o movimento que não se destina a funções específicas, como pegar objetos, mas a explorar o ambiente, e isso permite ao bebê explorar perspectivas alternadas. Surge também a capacidade de apontar, por meio das vocalizações e dos gestos usados para indicar os objetos.

Os jogos imitativos também se tornam complexos e passa a ser suficiente para criança observar o final do ato realizado pelo adulto para imitá-lo, exibindo a capacidade de antecipar o processo. O bebê começa a consultar a face do outro em busca de informações sobre os recursos do ambiente e passa sistematicamente a integrar o olhar do outro em suas explorações pelo meio circundante. Antes de ser capaz de poder se conceber como uma perspectiva, tem a experiência de explorar pontos de vista distintos e promover padrões específicos de atividades com outros. Essa nova função possibilita que partilhe os provimentos dos objetos (*affordances*) do ambiente com os outros, e se engaje em interações ternárias que incluem o bebê, o adulto, o objeto ou outro adulto (Reed 1995; Rochat & Passos-Ferreira 2008; Rochat et al. 2009).

Uso da Imitação como 'função de ego'

A imitação é fundamental para a emergência do sentimento de continuidade do eu e, conseqüentemente, para os processos de identificação. Os processos de identificação são fenômenos mais complexos, que pressupõem a precedência, de algum modo, dos processos imitativos e dos processos de incorporação. As imitações seguem um processo próprio que ocupa um papel distinto no desenvolvimento do eu, e são integradas progressivamente às identificações.

É necessário distinguir os processos imitativos dos processos identificatórios. Em psicanálise, uma das tentativas de distinção desses processos foi proposta por Gaddini (2001) que considera que a identificação seria regida pelo princípio da realidade, dada às exigências de adaptação do eu à realidade externa. A imitação seria regida pelo princípio do prazer. A imitação seria um recurso utilizado, principalmente, na ausência do objeto, ou seja, na experiência de frustração, e a repetição dos



movimentos instauraria a presença do objeto. Portanto, a dinâmica da imitação estaria diretamente relacionada ao desejo de fusão da fase simbiótica. Desde o nascimento, observa-se um prazer associado à repetição das ações. Há uma dinâmica de gratificações e frustrações que estão associadas aos processos imitativos. O bebê exibe a propensão de repetir suas próprias ações e se engajar em 'reações circulares'. Há uma experiência perceptual única do eu associada aos movimentos corporais. Ao imitar sistematicamente suas próprias ações em reações circulares, com padrões restritos de movimentos, o bebê obtém um sentido de si mesmo como diferenciado de outros agentes do ambiente. Ao perceber e repetir os movimentos, o bebê também percebe a modificação de seu próprio corpo. A auto-imitação, portanto, serve primariamente como uma 'função de ego'. A auto-imitação cria hábitos e memórias corporais que contribuem para a emergência do sentimento de continuidade do eu.

A compreensão da dinâmica motivacional da imitação pode explicar porque certos comportamentos motivam o bebê a imitá-los e quais são os movimentos e gestos que são retidos e incorporados e passam a fazer parte do repertório de comportamento dos bebês e das crianças. Pois isso envolve a consideração de duas noções que são centrais para a psicanálise: a dinâmica dos processos inconscientes e a formação da fantasia; e a dinâmica de auto-satisfação. Em relação à dinâmica da satisfação, a psicanálise dispõe de uma teoria explicativa que pode esclarecer porque alguns comportamentos, gestos e vocalizações, e não outros, entram na economia psíquica do eu e servem de base para processos identificatórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTTERWORTH, George, (1995) *Self as Object of Consciousness*, ROCHAT, Philippe, *The Self in Infancy: Theory and Research*, Amsterdam: Elsevier.

COSTA, Jurandir (2004) *O Vestígio e a Aura. Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo*, Rio de Janeiro: Garamond.



_____ (2007) O self e a interioridade. In: *O risco de cada um - e outros ensaios de psicanálise e cultura*, Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GADDINI, Eugenio, (2001) *L'imitation*, Paris : Presses Universitaires de France.

GALLAGHER, Shaun (2003) Bodily-self-awareness and object perception, in *Theoria et Historia Scientiarum: International Journal for Interdisciplinary Studies*, 7 (I) – in press.

GALLAGHER, S. & MARCEL, A.J. (1999) The self in contextualized action, in *Journal Consciousness Studies* 6, 4-30.

GALLAGHER, Shaun & MELTZOFF, Andrew (1996) The Earliest Sense of Self and Others: Merleau-Ponty and Recent Developmental Studies, in *Philosophical Psychology*, 9: 213-236.

GIBSON, Eleanor & PICK, Anne, (2000) *An Ecological Approach to Perceptual Learning and Development*, Oxford: Oxford University Press.

GIBSON, James (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton- Mifflin; reprinted, (1986). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

MELTZOFF, Andrew & MOORE, M. Keith, (1995) A theory of the role of imitation in the emergence of self, in ROCHAT, Philippe (ed), (1995) *The Self in Infancy*, Amsterdam : Elsevier.

NEISSER, Ulric (1988) Five kinds of self-knowledge. *Philosophical Psychology*1, 35-59.

PASSOS-FERREIRA, Cláudia (2006) Origens da Interioridade: autoconhecimento e externalismo. Tese de Doutorado (Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, UERJ.

_____ (2007) Além das fronteiras da consciência. O self externalizado em Winnicott e Dennett, in BEZERRA JR., Benilton & ORTEGA, Francisco, *Winnicott e seus interlocutores*, Rio de Janeiro: Relume Dumará.



_____ (2010) O desenvolvimento da autoconsciência em bebês. In: Zornig, Sílvia; Aragão, Regina. (Org.). *Nascimento: Antes e Depois - Cuidados em Rede*. Curitiba: Honoris Causa, 2010, v. , p. 133-144.

REED, Eduard, (1995) Becoming self, in ROCHAT, Philippe (ed), (1995) *The Self in Infancy*, Amsterdam : Elsevier.

ROCHAT, Philippe, (2004) *The Infant's World*, New York: Harvard University Press.

ROCHAT, Philippe & STRIANO, Trícia, Perceived self in infancy, in *Infant Behavior and Development*, 23 (2000) 513-530.

ROCHAT, Philippe & PASSOS-FERREIRA, Cláudia (2008) From imitation to reciprocation and mutual recognition. In: J.A. Pineda. (Org.) *Mirror Neuron Systems: The Role of Mirroring Processes in Social Cognition*. New York: Springer Science + Humana Press, 2008, p. 191-212.

ROCHAT, P.; PASSOS-FERREIRA, C.; SALEM, P. (2009) Three Levels of Intersubjectivity in Early Development. In: *Enacting Intersubjectivity. Paving the way for a dialogue between cognitive science, social cognition and neuroscience*. Como : da Larioprint, 2009. p. 173-190.

SALEM, Pedro, (2006) *A Gramática da Quietude. Um Estudo sobre Hábito e Confiança na Formação da Identidade*. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social.

TOMASELLO, Michael (1995) “Understanding The Self As Social Agent”, ROCHAT, Philippe (ed) (1995) *The Self in Infancy*, Amsterdam: Elsevier.

Recebido: 03/10/2011

Aceito: 18/10/2011

